

Jung, Piaget, Erikson, e a reaprendizagem musical de idosos INTJ

GTE 11 – Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais

Comunicação

Tristan Guillermo Torriani
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
tristan.torriani@fca.unicamp.br

Resumo: Diferentemente do músico profissional, o amador idoso encontra desafios bastante variados, que dependem da qualidade do estudo e da quantidade de tempo dedicados ao instrumento tanto no passado quanto no presente. Podem-se distinguir quatro níveis básicos de empenho, mesmo que variáveis para cada indivíduo: declínio, manutenção, melhoramento e lesão. Entendemos por reaprendizagem o processo em que o idoso procura recuperar habilidades já adquiridas anteriormente, mas perdidas. Três autores clássicos da Psicologia Filosófica serão referenciados com o objetivo de fornecer um enquadramento teórico mais amplo para educadores musicais: Jung, Piaget e Erikson. O método utilizado, de síntese inter-teórica a priori, focaliza em pontos comuns, logicamente compatíveis e conteudisticamente complementares. Com base na teoria junguiana das funções cognitivas e a tipologia da personalidade de Myers-Briggs, discutem-se as especificidades do tipo INTJ, relativamente raro na população e entre músicos. A partir da teoria piagetiana da construção de esquemas, procura-se ressaltar que a atividade musical vai bem além da mera coordenação sensoriomotora e argumenta-se que, assim como nos esportes, a técnica musical voltada para amadores tem especificidades que a distinguem de modo significativo do treinamento para profissionais, requerendo, portanto, especial atenção. Sempre reconhecendo a autoridade profissional, critica-se contudo a posição paternalista em relação ao amador e procura-se indicar caminhos teóricos para a autonomização dos amadores, cujos objetivos musicais podem ser bastante divergentes. Por fim, com base na teoria psicossocial eriksoniana, explora-se o contexto das duas fases tardias da vida humana em que ocorreria a reaprendizagem musical dos idosos INTJ.

Palavras-chave: Educação musical na terceira idade; Reaprendizagem musical; INTJ.

Introdução

Para idosos que desejam adquirir habilidades musicais, há um número de obstáculos que a pesquisa tem destacado, entre elas a auto-imagem negativa e as mudanças sensoriomotoras relativas ao envelhecimento. No entanto, reconhece-se que os benefícios na qualidade de vida dos praticantes são significativos. No XII Encontro Regional Sudeste da ABEM de 2020, o tema da educação musical na terceira idade foi tratado com muita propriedade e o objetivo desta comunicação é dar continuidade ao debate por meio de um

aporte teórico a partir das obras dos psicólogos-filósofos Jung, Piaget e Erikson. Estas referências podem ser consideradas compatíveis e complementares entre si, dado que Piaget priorizou a infância e a juventude, Jung tratou da personalidade consolidada na fase adulta, e Erikson contribuiu também para que se desse mais atenção à terceira idade.

Seria contudo pretensioso tentar tratar do problema da aprendizagem musical das pessoas idosas sem fazer um recorte em termos de tipo de personalidade. A razão disso é que, diferentemente de crianças, cujas personalidades não estão consolidadas ainda, idosos apresentam perfis relativamente nítidos em termos de habilidades musicais requeridas. É importante esclarecer que diferenças cognitivas entre os tipos trazem consequências diferentes com relação aos desafios enfrentados pelos indivíduos idosos. Por mais que seja lícito problematizar as tipologias das teorias de personalidade, é melhor correr o risco de eventuais erros de categorização (*mistyping*) do que perder as diferenciações que elas permitem. Por um lado, tratar com tipos evita o excessivo detalhamento biográfico característico dos estudos de caso. Por outro lado, evita-se a generalidade da filosofia metafísica, em que se aborda uma condição humana universal. Por estes motivos, a discussão aqui proposta focalizará nas questões enfrentadas por idosos com perfil de personalidade INTJ no sistema Myers-Briggs (MBTI) ou do tipo 5 no eneagrama da personalidade de Naranjo (CHESTNUT, 2013).

Além disso, cabe distinguir entre idosos com e sem experiência anterior de aprendizagem musical. A importância da educação musical na infância e juventude se evidencia neste ponto relativo ao uso do corpo como um todo integrado e à necessidade de adquirir uma coordenação auditiva. Impõe-se a necessidade de optar, nesta discussão teórica, entre o foco em idosos que precisam adquirir habilidades novas, ou coordenações novas de habilidades já presentes, e idosos no processo de recuperação (ou reaprendizagem) de habilidades musicais antes aprendidas. Por simplicidade, optar-se-á por este último grupo que conta com uma vantagem inicial. Desta maneira, estaremos discutindo a situação de idosos que já dispunham de habilidades musicais, mas que atrofiaram devido à necessidade de sobrevivência em outra profissão, em que o trabalho impunha outras demandas sobre o corpo.

Em relação às limitações deste trabalho, cabe apontar que se trata de uma discussão teórica ou a priori, em que se apresentam considerações abstratas indispensáveis para enquadrar pesquisas empíricas e aplicadas futuras. Sem reflexão teórica, a pesquisa empírica

se perde em coleta confusa de dados. Porém, como alertava Piaget, para evitar-se a especulação e o charlatanismo, permanece sempre o compromisso com a empiria. A teoria nunca substitui a prática, mas provê uma assistência indispensável que tampouco pode ser negligenciada por ser estruturante e autocorretiva. Quanto ao potencial viés, declaro ter grande proximidade com o tipo de personalidade em questão, além de ter recebido o benefício de instrução musical e de ter participado de grupos instrumentais com idosos amadores. Deste modo, apesar do risco de identificação com o objeto de estudo, ganha-se uma compreensão aprofundada e motivada pela experiência própria na pesquisa participante.

1 Jung

Antes de mais nada, cumpre descrever as funções-attitudes cognitivas do tipo INTJ ao qual, segundo o psicólogo David Keirsey, desenvolvedor do *Keirsey Temperament Sorter*, pertenceriam apenas de 1 a 4% da população (CHERRY; MORIN, 2021). Devido à sua baixa frequência na sociedade, indivíduos do tipo INTJ tendem a ser pouco ou mal entendidos, sofrendo *bullying* e outras formas de exclusão desde a infância, assim como crianças no espectro autista ou com traços esquizóides.

Para Jung (1971) existem no total oito funções cognitivas da mente. Quatro delas compõem o nosso perfil de personalidade de uma maneira mais destacada, ficando outras quatro latentes na nossa personalidade sombra.

Sensação e intuição compõem um par relacionado à percepção ou observação, sendo mais estritamente epistemológicos. A sensação se ocuparia mais com dados sensoriais, ao passo que a intuição lidaria com padrões mais abstratos. Essas duas funções cognitivas podem assumir atitudes (ou orientações) introvertida ou extrovertida. No caso da sensação extrovertida, o sujeito capta dados do mundo exterior sem necessariamente estruturá-los, o que requereria o exercício da intuição. A sensação introvertida permite ao indivíduo captar estados de seu próprio corpo. A intuição extrovertida permite à pessoa assimilar formas culturais e científicas, ao passo que a introvertida analisa o conteúdo assimilado em busca de abstrações. Todas estas funções epistemológicas podem ser empregadas na prática musical.

Há um outro par de funções cognitivas relacionadas à tomada de decisão. Razão e emoção podem também apresentar direcionamento seja externo ou interno. A razão extrovertida se pauta em valores socialmente aceitos para tomar decisões, em contraste com a razão introvertida, que se apoia em valores assimilados assim como seus próprios

pensamentos. A emoção introvertida focaliza nos sentimentos subjetivos, diferentemente da orientação emotiva extrovertida, que prioriza os sentimentos alheios.

No modelo proposto no *Myers-Briggs Type Indicator* (MBTI) (MYERS; MYERS, 1980), utilizam-se letras para codificar as funções e montar as siglas correspondentes aos perfis de personalidade. Cada personalidade é um todo, cujas partes, as funções cognitivas, mesmo podendo ser definidas individualmente de modo tolerável, não resultam, porém, ao operarem em conjunto, em um desempenho sempre comparável entre os tipos. Isto se explica por haver um empilhamento hierarquizado (em inglês, *stack*) das funções-attitudes, diferenciando seu nível de relativa hipertrofia (funções primária e secundária) ou atrofia (funções terciária e quaternária).

No caso do INTJ, a pessoa com este perfil possui como função primária a intuição introvertida (simbolizada 'Ni' em inglês, com a função 'N' representando intuição e 'i' representando introvertida). Isto significa que sua vida mental prioriza a percepção abstrata de si mesmo e de todos os conteúdos assimilados do passado. Pela reflexão abstrata, a pessoa INTJ dispõe de facilidade para identificar padrões e de projetá-los no futuro. No entanto, a necessidade de ter que assimilar previamente os conteúdos gera dificuldade em ser ágil em tempo real, como na improvisação musical. É comum se atribuir ao perfil INTJ um dom visionário, como nos grandes pensadores e compositores (Arnold Schoenberg).

Como função secundária ou auxiliar, apresenta-se a razão extrovertida para a tomada de decisão. Esta visa garantir a sobrevivência. Sem este contrapeso, o INTJ ficaria perdido na contemplação. A partir da adolescência, esta função procura retirar o jovem do marasmo e assumir as rédeas da orientação profissional e social. No entanto, ocorre o perigo de dissonância cognitiva (Festinger), desequilíbrio (Piaget) ou crise identitária (Erikson), na qual a função principal, que é constitutivamente de intuição introvertida, tem seu lugar usurpado. Nesta situação, sonhos acabam sendo depreciados pela razão extrovertida. A pessoa INTJ passa a desconfiar de sua própria capacidade intuitiva dominante. Considerando-a imprecisa e inviável, prefere seguir os ditames da função auxiliar. Porém, esta última tende a ser autoritária, socialmente conformista, e estéril. A natureza específica da crise identitária dos INTJs tende a favorecer a tomada de um caminho anti-artístico, sobretudo em um ambiente em que não se valoriza a arte, pois a razão extrovertida assimila esses valores sociais acriticamente e os impõe com enorme força subjetiva, como um superego freudiano.

Esta situação crítica específica aciona por sua vez a função terciária deste perfil, que é o sentimento introvertido. É por meio deste que o INTJ vivencia um estado de maior ou menor satisfação consigo mesmo, podendo ser considerado um medidor internalizado de autenticidade. A hipertrofia da função secundária induz INTJs a levarem uma vida profundamente inautêntica, levando a crises de diversos tipos, inclusive à depressão, para o resto da vida. Em qualquer perfil MBTI, funções terciárias e quaternárias (também chamada de ‘inferior’) estão presentes, mas dispõem de um desempenho fraco. Neste sentido, a pessoa INTJ pode vivenciar dificuldade de sentir claramente o que desejaria fazer na vida, o que seria impensável para pessoas com perfil em que a função emoção estivesse situada entre as duas superiores (primária ou secundária). Em inglês denomina-se ‘*Ni-Fi loop*’ um ciclo que ocorre na pessoa INTJ em que um idealismo quase psicótico da intuição introvertida é retroalimentada por emoções introvertidas negativas. A orientação padrão para INTJs nessa situação é romper este ciclo pessimista se habituando a sempre, lado a lado, junto com o negativo, considerar o positivo, permitindo uma visão mais balanceada. Além disso, recomenda-se acionar as funções extrovertidas, razão e sensação, que naturalmente buscarão respostas viáveis no mundo exterior.

Por fim, em quarto e último lugar, encontra-se a função de sensação extrovertida. Descrita por Jung como sendo “inferior”, pode-se também descrevê-la como sendo rudimentar. Isto significa que a pessoa INTJ não consegue sustentar por muito tempo o uso de sua capacidade de observação do mundo externo sem gerar exaustão. Além disso, quando identifica algo prazeroso, é característico que o INTJ não mostre capacidade de moderar seus apetites. Ou seja, há uma dificuldade na regulação desta função, assim como manter uma relação mente-corpo sadia. No caso da prática musical, por exemplo, a pessoa INTJ poderá exagerar na prática de instrumento por se divertir com isso, mas também poderá depois se desligar completamente, gerando uma falta de consistência no estudo.

Graças à Técnica Alexander, desenvolvida por Frederick Matthias Alexander (1869-1955), descobriu-se que a sensação introvertida é indispensável para qualquer atividade física. Em termos da prática musical, estabelece-se a primazia do (1) condicionamento (*fitness*) postural e conforto, indispensável para evitar lesões e otimizar o uso da energia disponível, seguida por (2) precisão rítmica vinculada ao uso sistemático do metrônomo, sem o qual se torna impossível coordenar socialmente a atividade musical, e por fim, (3) a busca pela afinação e beleza tonal. Para pessoas INTJ, porém, esta função de sensação introvertida é a

menos desenvolvida, encontrando-se no final das quatro funções latentes da personalidade sombra. Apesar de possuir intuição introvertida forte, o INTJ se concentra não em dados concretos sobre seu próprio estado físico, mas em abstrações e padrões (esquemas de Piaget) somente, que podem articular tais dados. A emoção introvertida poderia ajudar, mas ela está subordinada, na tomada de decisão, ao raciocínio extrovertido, que a sobrepuja impondo normas sociais autoritárias. Por fim, a sensação extrovertida conflita com a orientação introvertida, voltada para o registro dos estados corporais próprios, passados ou presentes. Por estes motivos, a prática da consciência corporal em INTJs exige a suspensão temporária das quatro funções principais desta personalidade, mesmo que motivada pela intuição introvertida e imposta pela razão extrovertida.

2 Piaget

Reconhecido tanto como psicólogo do desenvolvimento cognitivo infantil (PIAGET, 1970) quanto pelo seu papel na UNESCO (PIAGET, 1948), Piaget é uma referência indispensável na área da Educação. Mesmo não tendo se ocupado com música, sua pesquisa possui alta relevância para a compreensão da aquisição de habilidades musicais. Segundo sua teoria, a criança passa por quatro estádios que se sucedem necessariamente, mesmo que nem sempre na mesma idade para cada indivíduo (DOLLE, 1987).

Na criança, as funções cognitivas junguianas passam por estádios de desenvolvimento nítidas que podem ser identificadas experimentalmente. A primeira, do nascimento aos dois anos, seria caracterizada pela aquisição de habilidades ou esquemas sensoriomotores. Partindo de reflexos inatos, a criança assimilaria esquemas (assimilação) mas também os ajustaria ao meio externo (acomodação). A adaptação cognitiva da criança ocorreria por meio do jogo entre assimilação e acomodação. Por exemplo, uma criança que aprende violino aos cinco anos assimila certos esquemas sensoriomotores que precisarão ser acomodados (ajustados) a instrumentos progressivamente maiores (violino adulto, ou mesmo viola). Os esquemas precisam ser coordenados, e podem passar por diferenciação e recombinação em novas habilidades. Isto gera uma plasticidade que caracteriza o construtivismo piagetiano.

No segundo estádio, o pré-operacional ou simbólico, a criança dos três aos sete anos desenvolve sua imaginação por meio do brinquedo, do jogo, e da imitação. No terceiro estádio, o operacional concreto, a criança dos sete a onze anos adquire noções de conservação

após transformações e consegue realizar operações reversíveis, como adição e subtração, desde que disponha de suporte sensorial. No quarto e último estágio, o operacional formal, a criança a partir dos 12 anos já se mostra capaz de partir de um enquadramento abstrato dos dados sensoriais (o que Kant chamava as formas de intuição a priori, espaço e tempo) e de dispensar o apoio dos sentidos externos para realizar operações lógicas e aritméticas reversíveis.

A psicogênese da inteligência é para Piaget um processo dialético da auto-consciência em que opostos (tese e antítese) geram desequilíbrios cuja superação é imprescindível para se transitar a um novo grau de desenvolvimento. Apesar de seu foco infanto-juvenil poder parecer insuficiente para idosos, ele postula a manutenção da organização do ser vivo e a sua adaptação pela equilibração entre assimilação e adaptação como invariantes funcionais pela vida toda. Ou seja, o processo de psicogênese das estruturas da inteligência não só lança as bases sem as quais não se pode entender o adulto ou o idoso. Além disso, continua a operar até a morte do organismo.

Mais recentemente, Dreyfus (2004) propõe a distinção entre cinco níveis de habilidade: novato (*novice*), iniciante avançado (*advanced beginner*), competente (*competence*), proficiente (*proficiency*), e perito (*expertise*). Do ponto de vista de empenho de horas por dia, vale a pena distinguir quatro níveis básicos: declínio, manutenção, melhoramento e lesão. Para cada indivíduo, em função da qualidade de sua atenção, é compreensível que haja variações. O treino mental, longe do instrumento, tem sido reconhecido como modo de evitar lesões por esforço repetitivo (LER).

Na criança futuramente tipificável como INTJ, a intuição introvertida, surgida no período piagetiano simbólico ou pré-operacional, tende a prevalecer nitidamente sobre a sensação extrovertida, podendo criar a percepção externa de pouca aptidão para a prática musical. A predominância da intuição introvertida faz com que a criança, como no espectro autista, não se ouça, e que privilegie sua própria imaginação acima de tudo, criando auto-engano sobre sua performance. A falta esquizoide de conexão visceral com o corpo tampouco ajuda. Com a adolescência, a emergência do pensamento extrovertido faz com que se tomem decisões pautadas por autoridades externas em detrimento de sentimentos introvertidos, que permanecem em terceiro plano. Desta maneira, os obstáculos internos criados para seguir o caminho de musicista residem em: (a) intuição introvertida hipertrofiada que impede avaliação objetiva da realidade e se perde em devaneios; (b) pensamento extrovertido que

privilegia valores e normas sociais de modo autoritário; (c) acesso pobre aos próprios sentimentos introvertidos, dificultando a autenticidade; e (d) uso rudimentar da sensação extrovertida, com excessos e inconsistências.

Tendo em vista esse quadro, torna-se dispensável discutir os obstáculos externos, relacionados à alta competitividade do meio musical. Jovens INTJs interessados em seguir a carreira musical teriam que, no mínimo, se conscientizar o quanto antes de sua situação, mas a dificuldade é que os perfis de personalidade só começam a se definir tarde demais, a partir dos vinte anos.

Segundo Bruhn (1993), o conceito de músico profissional (em alemão, *Berufsmusiker*) diz respeito principalmente a solistas, instrumentistas e cantores empregados em orquestras e teatros de ópera. Estariam excluídos desse conceito educadores e músicos populares semi-profissionais que se sustentam com outro tipo de atividade paralela. Para profissionais, é indispensável que haja desafios musicais infinitos para sua progressão. No entanto, há sequelas tanto emocionais quanto físicas pela sobrecarga de trabalho, além de concessões para executar-se o repertório solicitado pelo público pagante e não necessariamente o preferido pelo profissional. Mesmo em se tratando do repertório erudito, o rigorismo historicista de base positivista tolhe a liberdade ao profissional de interpretar as peças de modo mais moderno (KIVY, 1995). Um ponto decisivo é que não há alternativa real à técnica desenvolvida historicamente pelos profissionais. O autodidatismo iniciante, sobretudo à base de vídeos de plataformas como o YouTube, são insuficientes sem supervisão de educadores qualificados. Ainda é controverso determinar se essa supervisão possa ser satisfatoriamente realizada de modo remoto ou virtual. No entanto, por terem objetivos pessoais distintos dos profissionais, é necessário que os educadores adequem sua proposta de ensino aos amadores. Por exemplo, não há necessidade de exigir de amadores que dominem todo o arsenal clássico de golpes de arco se eles querem tocar música folclórica (*fiddle* em inglês, ou rabeca). Conforme o repertório, é possível focar em uma técnica simplificada mas central, que possa ser recuperada mais rapidamente, e que tenha maior aplicação. Similarmente, no caso da técnica de mão direita do violão, questiona-se exercitar o *apoyando* se o *tirando* não está ainda recuperado.

Com relação a amadores, Bruhn e Rösing (1993) reconhecem sua relativa proximidade com profissionais porque o amadorismo via de regra fornece a base anterior para a profissionalização. A divisão social entre trabalho e lazer incide sobre amadores de modo

distinto, permitindo que usufruam de maior liberdade e não raramente de maior renda para seus projetos pessoais, que contudo devem ser restritos devido ao grau menor de tempo e energia disponíveis. Deste modo, tanto amadores quanto profissionais pagam um preço tal que não há na sociedade capitalista atual uma solução realmente satisfatória. Adultos que optam pelo caminho amador seguindo outra profissão e, por cima disso ainda, decidem criar uma família, passam por um período significativo, que pode se estender por décadas, de afastamento até mesmo da própria escuta musical. Paradoxalmente, isso pode ocorrer pela música se tornar um distrator poderoso que precisa ser reprimido para não interferir com o empenho na outra carreira escolhida. Resulta disso uma significativa dessensibilização que pode ser até pior do que a falta de contato com o instrumento musical.

Ao empreender a retomada das atividades musicais, idosos com preparo anterior podem atualmente encontrar na internet inúmeros recursos, inclusive sobre técnica Alexander, o que é um fator positivo, desde que não seja superestimado. Eles dispõem de um professor internalizado que pode ser considerado uma síntese de seu próprio senso crítico com toda experiência prévia de seus educadores musicais. Além disso, é recomendado gravar áudios e vídeos para escuta atenta posterior. Diferentemente da criança, que muitas vezes gostaria de brincar e socializar, idosos dispõem de clara consciência de seus objetivos e dos métodos necessários para realizá-los. Neste sentido, desde que não haja sequelas físicas, não há teoricamente motivo para excluir a possibilidade de “idosos-prodígio”, assim como há crianças-prodígio.

3 Erikson

Vimos que Jung nos fornece uma análise das funções cognitivas e sua articulação em 16 tipos de personalidade MBTI. Piaget, a partir de sua teoria construtivista, nos oferece um modelo de equilíbrio para entender a aquisição e a reconstrução de esquemas tendo como invariantes funcionais a adaptação (dialética entre assimilação e acomodação). Erikson (1999) nos disponibiliza um enquadramento para acompanhar uma vida humana de início a fim (ciclo vital), e procura identificar os desafios principais de cada uma das oito etapas que ele diferencia. Em cada uma delas, nosso ego é posto à prova por uma crise, cujo desfecho pode ser favorável ou desfavorável. Quando superamos o desafio de nosso estágio etário, dispomos de uma vantagem ou virtude na passagem para a próxima crise. Porém, se falharmos, ficamos

debilitados para enfrentar o desafio seguinte, podendo haver inclusive regressão do ego a estágios anteriores de desenvolvimento.

Deste modo, assim como Piaget, que o apreciava (cf. BRINGUIER, 1993), Erikson possui também uma visão tanto embriológica quanto dialética das crises psicossociais. As virtudes podem ser entendidas como forças que permeiam o ciclo de vida pessoal e que se transmite através das gerações. A superação da crise requer que os dois fatores mutuamente opostos (tese e antítese), característicos do estágio em que nos encontramos, sejam igualmente reconhecidos e acolhidos como sendo necessários. Nisto Erikson segue a proposta nietzscheana do além-do-homem, que é forte o suficiente para admitir a gestão de conflitos internos. Após termos resolvido a dialética entre tese e antítese, chega-se à virtude ideal que nos prepara adequadamente para o enfrentamento da próxima crise.

Na nossa discussão anterior, chegamos a mencionar de passagem a especificidade da crise identitária do adolescente INTJ, em que a limitação social da função principal da intuição introvertida se torna óbvia, gerando uma crise de auto-confiança e o acionamento da razão extrovertida para a tomada de decisões inautênticas, com graves consequências posteriores. Na periodização eriksoniana, este processo se situa na quinta fase, entre os doze e dezoito anos, e será superada pela virtude da fidelidade se houver capacidade de lidar com a oposição entre a busca da identidade e a confusão de papéis. O problema da identidade pessoal em relação aos valores, crenças, expectativas e fins, se coloca de maneira incontornável para a inserção social dos indivíduos em um papel definido. A fidelidade é alcançada ao se obter a habilidade de honrar compromissos com os outros apesar das diferenças pessoais. Na sua ausência, como na desconfiança para com tudo na sociedade por parte de INTJs mal-resolvidos em etapas anteriores, gera-se uma confusão sobre papel social que pode agravar a crise identitária.

Saltando o sexto estágio, em que o já adulto deve lidar com a oposição entre intimidade e isolamento, que poderá ser superada pela virtude do amor, chegamos ao sétimo estágio, que ocorre entre os 40 e os 65 anos. Nele, coloca-se a oposição entre generatividade e estagnação, que precisaria ser superada pela virtude do cuidado. As pessoas nesta fase encontram-se em uma condição de maior estabilidade, seja na profissão, seja na criação de seus filhos. É normal que emergja uma capacidade maior de reavaliar a própria vida. Se o resultado desta reavaliação for positiva, poderá se empenhar para aumentar sua produtividade e se envolver em atividades comunitárias. Se for negativa, sobrevirá uma

sensação de arrependimento. O cuidado se manifestará como uma preocupação para com a geração seguinte, evitando-se a absorção pessimista em si mesmo.

No oitavo e último estágio, que se prolonga após os 65 anos, a oposição se dá entre integridade por um lado e desesperança por outro. A pessoa, normalmente aposentada, se defronta com a necessidade de aceitar o passado, confirmando sua integridade, ou se aprofundar no arrependimento, o que gera desespero. A sabedoria emerge com a capacidade de reconhecer os fatos do passado junto com um certo desapego perante a própria morte. É decisivo ter a percepção de que a própria vida, neste ciclo vital, foi bem aproveitada.

Para idosos INTJ poderem evitar a desesperança do oitavo estágio, é preciso reavaliar a responsabilidade própria pelos atos passados, entendendo o papel problemático exercido pela razão extrovertida como função auxiliar, e não culpar os outros ou se fazer de vítima. Ao mesmo tempo, porém, é preciso lidar corajosamente com desafios que podem surgir pela falta de apoio familiar e social.

4 Considerações Finais

É comum depararmos com a dificuldade de relacionar grandes autores, não só entre alunos, mas até mesmo entre profissionais. Alguns chegam a acreditar que cada um teria que ser tratado de modo estanque e que suas contribuições não poderiam ser integradas. Ao contrário, tentamos mostrar os pontos de comunicação possível entre Jung, Piaget e Erickson para a educação musical. Restringimos nosso foco a um perfil específico de idoso INTJ para evitarmos o perigo de nos perdermos em generalidades metafísicas. Através da teoria de personalidade de Jung e Myers-Briggs, explicamos os desafios de aprendizagem musical a partir do empilhamento de funções cognitivas característico do tipo INTJ. Por meio da teoria piagetiana dos esquemas esclarecemos os mecanismos adaptativos de construção de habilidades musicais. Para podermos tratar do idoso, contudo, o modelo dialético de superação de estágios no ciclo vital de Erickson se mostrou indispensável.

No que tange à relevância desta discussão teórica, é importante frisar que embora o tipo INTJ seja pouco representado entre músicos profissionais, assim como na população geral, é possível que se destaque entre idosos interessados em (re)aprendizagem musical. Destarte, cabe aos profissionais aplicados tomarem ciência destas diferenciações para poderem ser mais efetivos.

Esperamos que idosos de todos os tipos de personalidade possam retomar uma atividade musical abandonada no passado. Torcemos também que futuramente possamos ver idosos-prodígio auxiliados por educadores musicais devidamente valorizados e formados com boa base teórica.

Referências

BRUHN, H. Berufsmusiker. In: BRUHN, H. et al. (eds.). *Musikpsychologie: Ein Handbuch*. Hamburg: Rowohlt, 1993, p. 147-156.

BRUHN, H.; RÖSING, H. Amateurmusiker. In: BRUHN, H. et al. (eds.). *Musikpsychologie: Ein Handbuch*. Hamburg: Rowohlt, 1993, p. 221-227.

BRINGUIER, J.-C. 1993. *Conversando com Jean Piaget*. tradução de Maria Jose Guedes. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ : Bertrand Brasil.

CHERRY, K.; MORIN, A. *INTJ: The Architect (Introverted, Intuitive, Thinking, Judging): An Overview of the INTJ Personality Type*. [S. l.], 4 jul. 2021. Disponível em: <https://www.verywellmind.com/intj-introverted-intuitive-thinking-judging-2795988>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CHESTNUT, B. *The Complete Enneagram: 27 Paths to Greater Self-Knowledge*. Berkeley, CA: She Writes Press, 2013.

DOLLE, J.-M. *Para compreender Piaget: Uma iniciação à Psicologia Genética Piagetiana*. 4a ed. RJ: Guanabara, 1987.

DREYFUS, S. E. The Five-Stage Model of Adult Skill Acquisition. *Bulletin of Science, Technology & Society*, London, v. 24, n. 3, p. 177–181, 2004.
doi:10.1177/0270467604264992

ERIKSON, E. *The Erik Erikson reader*. NY& London: W.W. Norton, 1999.

JUNG, C. G. *Psychological Types*. London: Routledge, 1971.

KIVY, P. *Authenticities*. Cornell University Press, 1995.

MYERS, I. B; MYERS, P. B. *Gifts Differing: Understanding personality type*. Mountain View, CA: Davies-Black Publishing, 1980.

PIAGET, J. *To understand is to invent: The future of education*. NY: Viking Press, 1948.

PIAGET, J. Piaget's Theory. In: MUSSEN, P.H. (ed.) *Carmichael's Manual of Child Psychology*, 3rd ed., NY: Wiley, 1970, p. 703-732. Disponível em <http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/presentation/index.php?DOCID=1535> Acesso em: 28 jul. 2021.